

A DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA E ENSINO REMOTO

ENTREVISTA COM FLÁVIA MENDES E HUGO SILVA, PROFESSORA E ALUNO DO ENSINO MÉDIO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

Rhuana de Oliveira Lima¹

A pandemia da COVID-19 desencadeou diversos desafios para todos os setores do Brasil e do mundo. Na expectativa de reduzir a contaminação pelo vírus, os líderes governamentais impuseram medidas para evitar aglomerações, sendo o distanciamento social indicado como uma das principais prevenções à doença até que outras saídas fossem encontradas. No setor da Educação, houve o fechamento de escolas e universidades públicas e privadas, interrompendo, assim, o calendário escolar. Segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), devido às restrições impostas pela pandemia, mais de 95% dos alunos matriculados da América Latina e do Caribe estão temporariamente fora da escola.² No Brasil, em diversas instituições implantou-se o ensino remoto para manter o ano escolar, e ferramentas como aulas on-line e materiais digitais ou via correio agora fazem parte da vida do professor e do aluno. Porém, tal medida escancarou desigualdades já existentes, mas pouco enfrentadas ou debatidas socialmente, como a falta de acesso à internet. Segundo reportagem da repórter Mariana Tokarnia, da Agência Brasil, publicada em 17 de maio de 2020, a pesquisa “*TIC Kids Online 2019*”, promovida pela UNICEF, constatou que 17% dos brasileiros entre 9 e 17 anos não têm acesso à internet em casa. Esse número corresponde a quase 5 milhões de crianças e adolescentes.³ Interessante mencionar, ainda que não contabilizado, que é sabido que muitos professores nos cantões deste país também não têm acesso ou têm acesso restrito, por diversos motivos, às novas tecnologias.

Mas há ainda, outros problemas relacionados à questão pandemia e educação. Por exemplo, nas escolas públicas brasileiras é distribuído o material didático de graça, mas durante a este ano, devido à crise sanitária, tal ação foi feita com falhas, pois em algumas instituições não houve cadastramento dos alunos, que, assim, não receberam esses recursos.

1 Bacharelada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional - ESR

2 “Covid-19: Mais de 95% das crianças estão fora da escola na América Latina e no Caribe, estima o UNICEF” *UNICEF Brasil*. 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de-95-por-cento-das-criancas-fora-da-escola-na-america-latina-e-caribe> Acesso em: 29 dez. 2020.

3 TOKARNIA, Mariana. “Brasil tem 4,8 milhões de crianças e adolescentes sem internet em casa” *Agência Brasil*. 17 mai. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.abc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasil-tem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa> Acesso em: 28 dez. 2020.

Além disso, as escolas, que oferecem, normalmente, refeições como café da manhã, almoço e, em alguns casos, jantar, não podendo receber alunos por conta do distanciamento social, fariam a distribuição de merenda através de entrega de quentinhas, o que ainda não foi posto em prática, apesar das promessas do governo. Nesse contexto, muitos pais que já passavam por problemas financeiros e que tiveram sua situação agravada pela pandemia viram sua renda diminuir. As refeições feitas nas escolas, que já ajudavam diversas famílias de classe baixa, se tornaram essenciais durante esse ano de crise sanitária.

Compreendemos a educação como um pilar essencial de qualquer nação, sendo, assim, merecedora toda atenção e investimento para que se realize com qualidade e sem desigualdade. Com isso, escolhemos abordar a educação no período de pandemia a partir de dois vieses, entrevistando Flávia Mendes Ferreira, que é professora de Sociologia da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro e doutora em Ciência Política pela UFF, e Hugo do Carmo Silva, seu aluno do Ensino Médio da cidade de Campos dos Goytacazes - RJ. Os convidados poderiam responder as questões que se sentissem à vontade. A entrevista foi realizada por *e-mail* entre 23 e 24 de dezembro de 2020.⁴

RHUANA LIMA: *Qual o sentido do trabalho docente para você?*

FLÁVIA MENDES: Eu penso educação com uma perspectiva de liberdade, de emancipação. Como Paulo Freire colocava, uma educação que faça o aluno se compreender como sujeito social, se entender no mundo. Então é muito diferente de pensar educação direcionada para formar mão-de-obra para o mercado de trabalho, ou direcionada para provas como ENEM, vestibulares e concursos. É claro que eu quero que os meus alunos tenham sucesso nessas avaliações e ocupem os espaços da universidade pública, por exemplo, e eu incentivo isso, mas mais que isso, eu penso a minha profissão, e faz sentido eu me enxergar educadora, quando penso a prática da liberdade, do indivíduo pensar e poder inclusive ser livre para sonhar. Muitos alunos, marcados pelas inúmeras violências que sofrem ao longo da vida, por causa da cor, da classe, do gênero, do pouco capital cultural da família, se limitam até mesmo nos sonhos. Educação como prática da liberdade é importante para isso também, estimular a liberdade no outro.

RL: *Quais são os maiores ganhos da profissão?*

⁴ Os colchetes indicam intervenção dos editores de modo a resguardar algum elemento de coesão.

FLÁVIA MENDES: O maior ganho da profissão é quando recebo retorno dos alunos, algumas vezes durante o próprio ano letivo, outras vezes anos depois de terem sido meus alunos, sobre como a disciplina que eu leciono, Sociologia, e as aulas ajudaram a compreender questões da realidade social, a pensar coisas, a desconstruir outras, a pensar coisas que nunca tinham pensado. Quando recebo esse retorno, é quando me sinto mais feliz na profissão.

RL: *Considerando o quadro de caos do sistema educacional, como manter a educação e o aprendizado como prioridades?*

FLÁVIA MENDES: Esse foi meu grande desafio [assumido] enquanto professora, estimular nos alunos o desejo por aprender, estudar. Mostrar como essas tarefas são por vezes cansativas, mas também podem ser estimulantes e instigantes, não apenas enfadonhas. Uma das maneiras é pensar a aula, o conteúdo, dialogando com a realidade dos alunos. A disciplina, quando faz sentido para o aluno, dialoga com a vida dele, eu observo na minha experiência que estimula mais o interesse do aluno. A escola, quando deslocada da realidade, deixa de fazer sentido para o aluno, e a sociedade se transformou bastante nas últimas décadas, as redes sociais e a internet mudaram nossa maneira de socializar, trabalhar, estudar, a escola precisa de alguma maneira acompanhar essas transformações. Não significa com isso ficar refém da estrutura, mas se tornar distante a ponto de parecer algo ultrapassado.

HUGO SILVA: Para alcançarmos uma melhora na educação, devemos cobrar dos nossos governantes que invistam na educação pública, que, infelizmente, vem sendo sucateada. Melhorando a estrutura dessas escolas, garantindo que todos tenham acesso e consigam estudar com qualidade, essencial para obtermos um melhor aprendizado... Além disso, é extremamente importante termos uma educação que forme seres pensantes, pessoas críticas e de pensamento livre.

RL: *Neste período da pandemia ainda vivido por nós, foi decretado o ensino remoto a fim de manter o calendário escolar. Foi a melhor escolha? Quais foram os maiores obstáculos vividos por você?*

FLÁVIA MENDES: Era necessário pensar o ensino remoto, sim. O grande problema é que a nossa sociedade é extremamente desigual, os alunos vivem realidades sociais completamente diferentes e não teve uma ação coordenada do MEC com os estados e municípios para que essa desigualdade de acesso à internet, computador, fosse pelo menos

minimizada. Ao menos no estado do Rio, onde sou professora, ocorreram promessas e mais promessas no começo da quarentena, mas ações práticas foram poucas. Não sei se o calendário escolar devesse ter sido mantido, como aconteceu, é necessário pensar o retorno presencial quando tivermos vacina e for segura a volta às aulas na escola. Maior obstáculo que vivi foi a dificuldade de conhecer os meus alunos, de pensar como passar o conteúdo que a secretaria e a escola cobravam que eu passasse, mas sem violentar meu aluno que estava sofrendo com a pandemia e todos os problemas que ela trouxe para as nossas vidas.

HUGO SILVA: É importante entendermos que existem alguns dilemas quando debatemos sobre ensino remoto. Infelizmente, vivemos num dos países mais desiguais do mundo, o que ficou escancarado com essa transição do presencial ao on-line. Muitos estudantes não tiveram condições de estudar de forma remota, pois não tinham estrutura financeira para tal. Nas escolas estaduais do RJ, o governo do estado não ofereceu nenhum tipo de inclusão digital e possibilidade de esses estudantes acessarem a plataforma, o que causou uma adesão muito baixa. Acho que não foi a melhor escolha por não oferecerem essa inclusão. Mas, também, se não decretassem essa transição, muitos estudantes iam evadir da escola por não poderem “perder” mais um ano; muitos, precisam ir logo ao mercado de trabalho para ajudar nas contas em casa. Encontrei obstáculos exatamente por não ter recebido nenhuma [ação de] inclusão digital. Moro em um bairro na zona rural da cidade e quando chove ou venta muito forte, a internet para, impossibilitando o estudo.

RL: *Como professora, você percebe algum suporte social (reconhecimento formal e simbólico), técnico (formação adequada no nível de métodos e conteúdos) e de projetos políticos direcionados ao docente? Se sim, quais?*

FLÁVIA MENDES: O suporte que recebemos foi pouco. Na secretaria de educação houve um pequeno curso remoto para ensinar utilizar a plataforma adotada. Na secretaria de Ciência e Tecnologia, [à qual sou ligada como] professora da rede Faetec não aconteceu esse tipo de treinamento, mas teve um seminário no meio do ano para pensar e avaliar o que tínhamos feito até momento e como seguir no decorrer do ano. Mas, no geral, pensando a realidade que vivi durante o ano de 2020 e as notícias que acompanhei dos outros estados, não teve projeto político pensado para os docentes.

RL: *Já percebeu que suas iniciativas foram inibidas e a sua criatividade suprimida no ambiente escolar? Por que?*

FLÁVIA MENDES: Sim. A necessidade de cumprir conteúdo e outras burocracias da atividade inibem as possibilidades de exercer a profissão com mais liberdade e mais criatividade. Em alguns momentos, é possível pensar fora da caixa, mas nem sempre.

HUGO SILVA: Sim. Infelizmente, a educação pública no país ainda está em um molde onde ela não pode ser mais instigante e criativa. Muitas pessoas acham que só o que se deve estudar na escola é matemática, português e disciplinas mais “quadradas”, mas é muito importante para os alunos termos espaços de debate, rodas de leitura, de rima, peças de teatro etc. Isso estimula nossa criatividade e nossa sede de conhecimento. Além disso, o ensino de disciplinas mais “quadradas” de forma criativa estimula nossa vontade de aprender mais sobre o assunto, o que infelizmente não acontece.

RL: *Quais são as possíveis estratégias que você usaria para amenizar uma saturação emocional considerando os diferentes contextos que abordamos?*

FLÁVIA MENDES: Durante a pandemia eu tentei me envolver com outros projetos além do trabalho e fazer outras atividades como atividade física, yoga, leituras, cursos on-line. No dia a dia escolar é importante a escola dar margem para a liberdade tanto dos alunos quanto dos professores, por exemplo, de poderem pensar juntos projetos, fazerem atividades extracurriculares, trabalhos de campo, viagens culturais, cineclubes e outras iniciativas que podem facilitar a vivência no ambiente escolar sem deixar a escola se tornar um local que sufoca, que somente cobra e disciplina os corpos e mentes.

HUGO SILVA: Promover eventos e atividades que saiam um pouco do padrão e da rotina de todos os dias. Eventos como feiras de ciências, excursões, espaços culturais, etc. Fazer a mesma coisa todos os dias acaba cansando, além de fisicamente, emocionalmente.